

CARACTERIZAÇÃO DA PRODUÇÃO ARTESANAL PRATICADA POR ESTUDANTES INDÍGENAS DA ETNIA “BANIWA” DA UFSCar, ARARAS- SP

Gisiliana de O. BARBOSA ¹; Gabriela R. da S. PIRES ²; Larissa S. BOLLELLA ³; Najara L. RAFAEL ⁴; Laís S. De C. F. LIMA ⁵

RESUMO

Este trabalho tem como objetivo caracterizar a produção artesanal praticada pela etnia “Baniwa”, a partir da aplicação de questionário com dois estudantes indígenas da Universidade Federal de São Carlos, Araras-SP. Foi possível evidenciar as mudanças que ocorreram na forma como o artesanato é praticado, sua comercialização e geração de renda, bem como o a relação de respeito com a natureza na coleta das matérias prima. Essas informações são importantes para uma melhor compreensão do conhecimento tradicional desse povo.

Palavras-chave:

Cultura; Artefatos; Renda; Conhecimento Tradicional.

1. INTRODUÇÃO

A população indígena brasileira, segundo levantamento do Instituto Brasileiro de Geografia Estatística (IBGE, 2010), perfaz um total de 896,9 mil indígenas, distribuídos em 305 etnias e 274 línguas. Cada um destes povos tem sua forma de entender e se organizar diante do mundo, o que implica em grande heterogeneidade cultural (GUIMARÃES; GRUBITS, 2007).

Dentro desta diversidade, estão os “Baniwa” que fazem parte de um complexo cultural de 22 povos indígenas diferentes, de língua aruak, que vivem na fronteira do Brasil com a Colômbia e Venezuela em aldeias localizadas às margens do Rio Içana e seus afluentes Cuiari, Aiairi e Cubate, além de comunidades no alto Rio Negro/Guainía e nos centros urbanos rionegrinos de S. Gabriel da Cachoeira, Santa Isabel e Barcelos (AM). A população Baniwa atual é estimada em 12 mil pessoas, das quais cerca de 4 mil no Brasil, vivendo basicamente de agricultura especializada na mandioca brava e da pesca, em aproximadamente cem aldeias e sítios (ARTE BANIWA, s.d).

Dentro das tradições desse povo, o artesanato configura-se como um costume, estando presente nas mais diversas atividades do dia a dia. Algumas cestarias aparecem nos rituais de iniciação das crianças. Outras, por outro lado, servem de suporte para presentear com frutas e outros alimentos (ARTE BANIWA, s.d).

Esta técnica realizada manualmente é utilizada pelo homem desde o início de sua história,

¹²³⁴Discentes de Agroecologia, UFSCar- *Campus* Araras. Araras/SP. E-mails: ¹gigi_hip@hotmail.com; ²piresgabi28@gmail.com; ³larissa_bol99@hotmail.com; ⁴Naji_naj@hotmail.com.

⁵ Tecnóloga em Agronegócio, FATEC MC- *Campus Mogi Das Cruzes/SP*. E-mail: lais.lima@fatec.sp.gov.br.

quando o instinto de sobrevivência o induziu a produzir bens para proteger-se e para caçar e buscar seus alimentos. E foi neste processo que o homem expressou sua capacidade criativa e produtiva (COELHO, 2014).

Em se tratando da população Baniwa, os objetos são produzidos inspirados na natureza e na necessidade de sobrevivência, apresentando noções matemáticas tanto em objetos finalizados quanto durante sua confecção (COSTA, 2012). Desde 1997, vem sendo comercializados de forma autogerida, em nichos de mercado que remunerem seu valor cultural e ambiental agregado, como parte de um programa mais amplo de consolidação de direitos indígenas coletivos” (BRESLER e OLIVEIRA, 2001).

Neste contexto, o objetivo deste trabalho é caracterizar o artesanato praticado por essa etnia, em relação os principais aspectos que envolvem sua produção, importância e como se dá o domínio das técnicas. O estudo foi realizado a partir de uma pesquisa qualitativa com estudantes indígenas da Universidade Federal de São Carlos, Araras-SP.

2. MATERIAL E MÉTODOS

A pesquisa foi realizada com dois estudantes indígenas da Universidade Federal de São Carlos - Centro de Ciências Agrárias – Araras- SP. Ambos são integrantes do corpo estudantil indígena, composto por diversas etnias que apresentam visões, matérias-primas e processos distintos para elaboração do artesanato.

Para levantamento das informações, utilizou-se do método de pesquisa qualitativa. A pesquisa qualitativa não se preocupa com representatividade numérica, mas sim com o aprofundamento da compreensão de um grupo social, de uma organização, etc. Segundo (DESLAURIERS, 1991), o objetivo da amostra seja ela grande ou pequena é ser capaz de produzir novas informações.

Foi aplicado um questionário em 14 de agosto de 2017, composto de seis perguntas do tipo abertas, de forma a obter maior riqueza de detalhes acerca da importância, confecção, utilização e comercialização dos produtos artesanais. O questionário, segundo (GIL,1999, p.128), pode ser definido “como a técnica de investigação composta por um número mais ou menos elevado de questões apresentadas por escrito às pessoas, tendo por objetivo o conhecimento de opiniões, crenças, sentimentos, interesses, expectativas, situações vivenciadas etc.”

3. RESULTADOS E DISCUSSÕES

A técnica de artesanato praticado pela etnia “Baniwa” é realizada por todos os membros da comunidade. Porém, ao longo dos anos, o processo de perpetuação desse conhecimento sofreu

significativas alterações. Inicialmente, as crianças eram obrigadas a aprender as técnicas de produção desses produtos, seja pela relevância dos mesmos na sobrevivência e ou pela necessidade da manutenção do conhecimento tradicional ao longo das gerações. Hoje, o que se verifica, é a transmissão desse conhecimento apenas para os interessados e para aqueles que possuem habilidade na confecção.

A princípio, a confecção dos utensílios estava pautada na necessidade de sobrevivência dos integrantes da aldeia, de modo que pudessem ser utilizados no preparo do alimento, na caça, pesca, construção de abrigo e transporte. Agora, os produtos gerados ganharam uma conotação econômica: tornaram-se uma importante fonte de renda extra para aldeia.

A OIBI (Organização Indígena da Bacia do Içana) filiada com a FOIRN (Federação das Organizações Indígenas do Rio Negro) e o ISA (Instituto Socioambiental) são responsáveis por organizar e criar o projeto ARTE BANIWA para venda dos produtos. Muito dos artesanatos produzidos pelos indígenas são comercializados no estado de São Paulo por encomenda e parceiros de varejo (Tok&Stok).

A venda do artesanato através da chamada economia indígena, apresenta dualidades extremamente contraditórias: à medida que possibilita a geração de renda para essas populações, concomitantemente tem contribuído para o processo de descaracterização cultural, à medida que desconsidera o contexto ritualístico e espiritual onde os mesmos são produzidos para atender uma escala de produção. Assim, os artefatos podem vir a possuir uma importância tipicamente comercial, perdendo seu valor cultural.

Muito embora a venda dos artefatos seja uma realidade na etnia em questão, o seu uso pelos integrantes ainda se faz presente, o que indica que os mesmos não foram desvinculados do dia a dia da comunidade, mantendo as raízes históricas e culturais atrelados a confecção. Os artigos continuam a ser utilizados em rituais, armazenamento de farinha, beiju, tapioca e frutas.

A matérias primas utilizadas compreendem: “arumã”, “jacitara”, o “caranã” e o “javari”, porém a mais utilizada é a primeira, uma “espécie de cana com colmo liso e reto, onde o colmo é descascado, raspado e ariado, podendo ser tingido ou mantido na cor natural. Os principais produtos são as cestarias de arumã balaios, urutu, peneira e jarros. A produção ocorre o ano todo, conforme a necessidade da aldeia ou comercialização, indicando que o fator econômico é um importante fator balizador para a confecção dos produtos.

Contudo, durante a extração da matéria prima, a relação de respeito com a natureza é um fator preponderante. Os materiais não são extraídos a partir de uma relação puramente predatória, uma vez que os sujeitos entendem a necessidade de preservação do meio, respeitando o ciclo natural

dos elementos nele contido. Uma vez preservado, contribui para perpetuação dos costumes e, portanto, da comunidade.

5. CONCLUSÕES

A situação descrita demonstra a necessidade de estudos para avaliar os possíveis impactos culturais oriundos das mudanças ocorridas na produção artesanal Baniwa. A comercialização do artesanato é uma importante ferramenta de geração de renda, por isso deve-se considerar a existência de iniciativas, especialmente políticas públicas, que conciliem a venda dos produtos com a manutenção das tradições desse povo.

A preocupação com os recursos naturais durante a extração da matéria prima é crucial para a manutenção da comunidade, tendo em vista que, boa parte das ameaças à integridade dos costumes/tradições provém da destruição do meio em que vivem.

REFERÊNCIAS

- Arte Baniwa. **Os baniwa: Onde vivem.** Disponível em: <https://www.artebaniwa.org.br/baniwa2.html?item=5>>. Acesso em: 20 jun, 2018.
- BRESLER, R.; OLIVEIRA, F. **Projeto Arte Baniwa.** In: BARBOZA, H. B.; SPINK, P. (org.) 20 Experiências de Gestão Pública e Cidadania. São Paulo: Programa Gestão Pública e Cidadania, 2002; 304 p.
- COELHO, J. **Influência Indígena no Artesanato Brasileiro.** Recanto das Letras, Minas Gerais, 2014.
- COSTA, Lucélida de Fátima Maia. **A etnomatemática na educação do campo, em contextos indígenas e ribeirinho, seus processos cognitivos e implicações à formação de professores.** Tabatinga – Amazonas, 2012.
- DESAULNIERS, j.-P. (1978). "Le topless du quartier". Possibles, vol. 2, n. 4, p. 147-151.
- GUIMARÃES, L.A.M; GRUBITS, S. Alcoolismo e violência em etnias indígenas: uma visão crítica da situação brasileira. Revista Psicologia & Sociedade; 19 (1): 45-51; jan/abr. 2007.
- INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA ESTATÍSTICA (IBGE). **Censo 2010: Características Gerais dos Indígenas: Resultados do Universo.** Disponível em: https://ww2.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/censo2010/caracteristicas_gerais_indigenas/default_caracteristicas_gerais_indigenas.shtm>. Acesso em: 25 jun, 2018.
- GIL, A. C. Métodos e técnicas de pesquisa social. 5. ed. São Paulo: Atlas, 1999.